

Brizola descarta Collor como o seu adversário no segundo turno

CEZAR MOTTA

O virtual candidato do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, considera que o seu maior adversário na reta final será o deputado Ulysses Guimarães, do PMDB. Pela análise que o ex-governador do Rio de Janeiro fez a deputados da bancada pedetista, Fernando Collor de Mello perderá terreno para Ulysses e Aureliano Chaves, candidato do PFL, e que segundo as informações com que trabalham os articuladores do PDT, passará a dividir com Collor o papel de candidato preferencial da TV Globo.

Segundo Brizola disse aos deputados, a ascensão de Collor foi até benéfica para o PDT, porque a estratégia brizolista de atacar o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, estava dando à própria campanha um incômodo tom de direita. No Rio de Janeiro, por exemplo, os ataques de Brizola à Central Única de Trabalhadores (CUT) estavam deixando todas as lideranças sindicais ligadas ao PDT em situação insustentável,

pois todas são "cutistas". E o caso, por exemplo, do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, que tem no PDT uma de suas forças partidárias. O ex-presidente do sindicato, Ronald Barata, é um militante do PDT, e o sindicato é filiado à CUT. Em Volta Redonda, o problema se repetia: o poderoso Sindicato dos Metalúrgicos, que congrega praticamente todos os trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional, é ligado à CUT.

Na avaliação de Brizola, a ascensão de Collor permitiu ao PDT retomar o espaço pôde reassumir um perfil de esquerda, ficou praticamente impossível qualquer coligação com o PTB ou com o PDC. No caso do PTB, há a total rejeição a um acordo por parte do próprio presidente do partido, Paiva Muniz, que tem profundos ressentimentos pessoais contra Brizola, ainda por conta da disputa pelo controle e reorganização do trabalhismo com a volta do ex-governador do exílio. Se depender de uma consulta aos filiados do PTB, a posição de Paiva vai prevalecer, porque, como presidente da Datamec, controla a maior parte dos mili-

tantes. Há ainda os impedimentos regionais. No Rio de Janeiro, por exemplo, principal base brizolista, nenhum militante do PDT aceitaria subir no mesmo palanque do deputado Roberto Jefferson, por exemplo, ou do próprio presidente regional, deputado Fábio Raunheitti, que também é um inimigo pessoal de Brizola. Raunheitti acusa Brizola de, quando exercia o governo estadual, haver estimulado invasões de suas propriedades na Baixada Fluminense, por parte de "sem-terras".

No caso do PDC, o que dificulta a coligação é o próprio perfil do partido: em Minas Gerais, é inteiramente controlado pelo governador Newton Cardoso; em São Paulo, pelo governador Orestes Quércia; no Amazonas, pelo governador Amazonino Mendes; no Tocantins, pelo governador Siqueira Campos. O maior brizolista dentro do PDC é o senador Mauro Borges, presidente do partido, mas foi justamente dentro do seu reduto, Goiás, que Ronaldo Caiado conseguiu filiação e espaço para disputar a indicação de candidato a presidente.

ANGULAR



Brizola, ao centro, com os deputados do PMDB mineiro: novo passo para o grupo de Garcia